

## Entrevista

# Entrevista com John Postill

## Política nerd, cultura livre, remix e narrativas de dados (data storytelling)

**Resumo:** Falamos com John Postill, professor de Comunicação na RMIT University (Melbourne, Austrália), sobre tópicos do seu novo livro: “*The Rise of Nerd Politics*”. Postill explica o que é a política nerd, como as práticas criativas da cultura do remix e da cultura livre emergem e se expandem para os movimentos sociais através de imaginários populares. A entrevista termina com um tópico muito atual que em inglês é chamado de “data storytelling”, as histórias que estão por trás de dados massivos e que, quando se tornam histórias, trazem questões técnicas para outros públicos, para pessoas comuns.

**Palavras-chave:** tecnopolítica, política nerd, cultura livre, narrativas de dados, data storytelling, remix.

### La política nerd, la cultura libre, la remezcla y las narrativas de los datos (data storytelling)

**Resumen:** Hablamos con John Postill, profesor titular de Comunicación en RMIT University (Melbourne, Australia), sobre temas presentes en su nuevo libro: “*The Rise of Nerd Politics*” (El surgimiento de la Política Nerd). Postill nos explica qué es la política nerd, cómo las prácticas creativas de la cultura de la remezcla y la cultura libre surgen y se expanden en movimientos sociales a través de los imaginarios populares. La entrevista finaliza con un tema muy actual que en inglés se llama “data storytelling”, los relatos que están detrás de los datos masivos y que al convertirse en historias llevan cuestiones técnicas a otros públicos, a persona comunes.

**Palavras-clave:** tecnopolítica, política nerd, cultura livre, narrativas de los datos, data storytelling, remix.



Antoni Roig<sup>1</sup>  
Fernanda Pires de Sá<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Ciências da Informação e da Comunicação da Universitat Oberta de Catalunya (UOC) no campo da Comunicação Audiovisual.

<sup>2</sup> Doutora em Sociedade da Informação e o Conhecimento pela Universitat Oberta de Catalunya (UOC), na qual atualmente faz pós-doutorado no Departamento de Ciências da Informação e da Comunicação.

## Interview with John Postill

### Nerd politics, free culture, remix and data storytelling

**Abstract:** We have spoken with John Postill, Professor of Communication at the RMIT University (Melbourne, Australia), on topics of his new book: “*The Rise of Nerd Politics*.” Postill explains what nerd politics is, how the cultural practices of the remix and the emergence of free culture are expanded in social movements through popular imaginaries. The interview ends with discussing data storytelling, the stories that are behind the big mass of data and, when they become stories they can bring to the fore technical issues to other public, to ordinary people.

**Keywords:** technopolitics, nerd politics, free culture, data storytelling, remix.

<sup>3</sup>O Dr. John Postill esteve em vários continentes devido à sua pesquisa sobre a relação entre os meios de comunicação e mudança social em diferentes contextos culturais, políticos e tecnológicos. Durante sua carreira, ele estudou os meios de comunicação não de forma isolada, mas como configurações complexas que estão sempre sujeitas a mudanças ocasionadas por pessoas, tecnologias, práticas sociais e ações que só podem ser compreendidas em seus contextos históricos, geográficos e culturais específicos.

John Postill é doutor em antropologia pela University College London (UCL), especializado em estudos de meios de comunicação. Ele atualmente mora em Melbourne (Austrália), onde é professor titular (*Senior Lecturer*) em comunicação na RMIT University (*Royal Melbourne Institute of Technology*). Na mesma instituição, entre 2013 e 2016, foi *Vice-Chancellor’s Senior Research Fellow*, beneficiário de uma bolsa de estudo para pesquisadores que possuem uma excelente carreira científica e reconhecimento internacional para realizar pesquisas de alta qualidade. Postill também é membro do programa de Antropologia Digital na University College London (UCL).

Ao longo de sua vida, ele trabalhou em vários campos (incluindo o âmbito acadêmico, assim como o jornalismo, a educação e a tradução) na Espanha, Grã-Bretanha, Indonésia, Japão, Alemanha, Malásia, Romênia e agora trabalha na Austrália. Como antropólogo, realizou trabalhos empíricos na Malásia, Indonésia, Espanha e Romênia.

Postill<sup>4</sup> obteve bolsas para desenvolver pesquisas (*fellowships*) em outras universidades como a Universidade de Cambridge, a Universidade de Bremen e a Academia de Arte e Design em Karlsruhe. Ele também lecionou na Universidade de Sheffield Hallam, na Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) em Londres, na Universidade de Staffordshire e na Escola Nacional de Administração e Ciência Política (SNSPA) em Bucareste.

Durante 2010 e 2011, passou um ano em Barcelona como pesquisador convidado (*senior fellow*) no *Internet Interdisciplinary Institute* (IN3)

<sup>3</sup> Esta entrevista foi originalmente feita na língua espanhola. Tradução feita por Fernanda Pires de Sá.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre a biografia e produção acadêmica de John Postill, é só acessar o seu blog <https://johnpostill.com/>

da Universitat Oberta de Catalunya. Durante esse período, junto com a professora Sarah Pink, pesquisou os usos das redes sociais para o ativismo e protestos, especialmente em relação aos *indignados* (15M)<sup>5</sup> e movimentos como o *Occupy*<sup>6</sup>.

Ele é o autor de vários livros como *Localizing the Internet* (2011), *Media and Nation Building* (2006). Ele também coeditou livros, como *Theorising Media and Practice* (2010) com Birgit Bräuchler, ou mais recentemente, o livro *Digital Ethnography: Principals and Practices* (2017), co-editado com Sarah Pink, Heather Horst, Larissa Hjorth, Tania Lewis e Jo Tacchi.

Seu novo livro, que será publicado em breve pela editora *Pluto Press*, chamado *The Rise of Nerd Politics: Digital Activism and Political Change*, (2017), é o tema da nossa entrevista.

### **Antoni Roig: Você pode nos explicar brevemente o que entende por *nerd politics* e quem são esses *nerds*?**

**John Postill:** O termo *nerd politics* veio após uma longa busca por terminologias sobre essas questões. Há muitos anos tenho estudado o que na Espanha é conhecido como tecnopolítica. Em outros países somente agora é que se começa a ouvir um pouco mais esse termo. Mas na Espanha, a partir do movimento 15M, é quando se começa a falar sobre tecnopolítica. O que eu chamo política de nerd (ou *nerd politics*) é o que se situa na interseção entre o tecnológico e o político. No meu livro, procuro compreender quem são esses novos atores políticos. Embora sejam bem diversos, o que os une é o fato de estarem muito interessados ou, em alguns casos, obcecados, com a relação entre novas tecnologias e mudanças políticas. Para lhes dar alguns exemplos, eu me refiro a atores como *Wikileaks*, *Anonymous*, *Edward Snowden* e os Partidos Piratas (*Pirate Parties*). Estes são os exemplos mais conhecidos internacionalmente, mas não podemos esquecer os contextos nacionais. Por exemplo, na Indonésia, temos iniciativas como *Kawal Pemilu*, um grupo de vigilância cidadã que monitorou remotamente a contagem de votos nas eleições presidenciais de 2014 (POSTILL, SAPUTRO 2017). No estado espanhol, existem grupos como a *Xnet* que mais tarde fizeram iniciativas como o *Partido X*, ou temos “Democracia Real Ya<sup>7</sup>” (DRY – em português Democracia Real Já) que também surge deste ambiente tecnopolítico. O meu foco é nesses indivíduos e grupos nerds que estão mais preocupados com a questão do futuro da democracia no século XXI, que querem ir mais a fundo na relação entre liberdades e democracia.

Em muitos casos, há uma conexão com os novos protestos, os novos movimentos sociais que surgem a partir da chamada Primavera Árabe: as revoltas árabes, o 15M na Espanha, movimentos similares na Grécia ou o movimento *Occupy*. E mais para frente movimentos semelhantes em lugares como o Brasil, a Turquia ou Hong Kong.

Eu comecei minha pesquisa com essa conexão entre os novos protestos

<sup>5</sup> Movimento popular realizado na Espanha entre maio e junho de 2011 que ficou conhecido pelos usos e apropriações de redes e mídias digitais de forma orgânica e descentralizada (SILVA, 2016).

<sup>6</sup> Movimento que se disseminou internacionalmente a partir de 2011 como uma resistência a diferentes formas de desigualdade social e política e a falta de democracia real (UCHOA, 2013).

<sup>7</sup> Disponível em: [democraciarealya.es](http://democraciarealya.es)

sociais, o novo movimento 15M na Espanha e a tecnopolítica que eu já vinha estudando. Eu estava em Barcelona estudando o mundo da cultura livre e a defesa da internet e me dei conta que isso derivava do movimento 15M. Ou seja, os ativistas da cultura livre desempenharam um papel fundamental na gestação e nascimento do 15M (POSTILL, 2014).

No livro *The Rise of Nerd Politics*, me pergunto o seguinte: além de ajudar a criar novos movimentos sociais, o que mais esses atores políticos estão fazendo? A resposta é que isto é apenas um dos quatro principais âmbitos de ação política nos quais nerds estão se envolvendo ativamente nos últimos anos. Os outros são o ativismo de dados (*data activism*), direitos digitais e a política profissional. O que eu defino como “política nerd” é mais do que uma política hacker (COLEMAN, 2017). É verdade que existem muitos *hackers* e *geeks* neste espaço (ou campo) de ação política. Mas também devemos ter em conta outros especialistas, como jornalistas, advogados, políticos, artistas e comunicadores. Eu falo de cinco áreas fundamentais do conhecimento neste mundo da tecnopolítica: ciência da computação, direito, arte, mídia e política (a antropologia não está tão presente, mas também há alguns antropólogos engajados). Utilizo o acrônimo CLAMP, que corresponde a estas cinco áreas de conhecimento em inglês: *computing* (computação), *law* (direito), *art* (arte), *media* (mídia) e *politics* (política). Então, em vez de falar sobre hackers, falo sobre *clampers*. Ou seja, é preciso mais do que informática para mover-se nesse espaço. Por exemplo, os vazamentos de Edward Snowden não teriam tido o impacto que tiveram sem a estreita colaboração dele com uma equipe de jornalistas, advogados e outros especialistas do Guardian (GREENWALD, 2014). Estamos falando, portanto, dessa interseção interdisciplinar, de equipes de *clampers* que realizam ações tecnopolíticas em um espaço que se expandiu consideravelmente nos últimos sete anos.

**Antoni Roig: Como os imaginários da cultura popular se relacionam com o ativismo e os novos movimentos sociais? E como eles se nutrem de uma base social sobre a qual o imaginário coletivo se sustenta na cultura popular? Esses movimentos têm uma base popular muito forte, uma estética própria e práticas sociais criativas.**

**John Postill:** Para isso devemos nos referir ao trabalho da antropóloga Gabriella Coleman (2015), que estudou *Anonymous*. Por exemplo, as máscaras de *Anonymous* tornaram-se uma referência cultural em lutas muito diversas em todo o mundo.

Um exemplo de uma relação próxima a cultura popular é a cultura livre. No caso da Espanha - como na Islândia, EUA, Taiwan e outros países onde vimos novos movimentos sociais desde 2009 - existe um setor muito forte de cultura livre. A partir disso surge precisamente o ativismo para defender a Internet, para defender uma internet livre. Isso surge em grande parte porque

existem setores de artistas e outras pessoas do mundo da cultura livre que veem a Lei Sinde<sup>8</sup> como uma afronta, já que esta lei tenta restringir o é chamado de pirataria digital, um termo que rejeitam desde a perspectiva da cultura livre. Ou seja, há um choque entre duas visões muito diferentes da Internet. A visão mais aberta da cultura livre tem muito a ver com formas muito diversas de produção popular. Por um lado você tem toda a mídia e cultura cinematográfica que vem de Hollywood. Mas também tem muitas formas de produção cultural de todo o mundo, em que esse tipo de cultura está sendo compartilhada na Internet. A partir daí, movimentos de cultura livre são criados em vários países.

O Brasil é outro exemplo da politização da defesa da cultura livre quando a Lei Azeredo<sup>9</sup> é introduzida, que mais tarde se torna o Marco Civil da Internet no Brasil, cujo objetivo é proteger os direitos e as liberdades online. O Marco Civil da Internet foi fomentado em 2013 pela então presidente Dilma Rousseff, quando se descobriu graças aos vazamentos de *Snowden*, que a NSA norte-americana estava monitorando seus telefonemas.

**Antoni Roig: Como você vê através dessa perspectiva a ação social e política traduzida em práticas sociais em mídias digitais, como o remix? Ou seja, como você entende a presença em redes sociais e mídias digitais de usuários com a capacidade de criar uma história coletiva sobre a importância e capacidade de ação que um movimento social como 15M ou outros movimentos têm? Refiro-me à capacidade de gerar vídeos colaborativos através de protestos de rua e divulgá-los. Esta capacidade de ficar conhecido e atravessar as barreiras da pouca variedade que os meios tradicionais proporcionam por serem profundamente tendenciosos.**

**John Postill:** Tanto o 15M como o Occupy já foram projetados e pensados desde o início para que ocorresse remix, um remix das práticas que fossem desenvolvidas tanto nas ruas quanto online. As assembleias e os comitês políticos tinham em mente que algumas imagens que se tornariam memes. Tinham essa intenção desde o início, não só de viralidade, não só para disseminar conteúdos que fossem mantidos com a mesma forma, mas sim para permitir todos os tipos de criatividade e remix.

Esses protestos não foram espontâneos. Isso é algo que leva os próprios movimentos sociais a criticar os grandes meios de comunicação. Já que eles espalharam ideia de que, assim, de repente, as pessoas chegaram as ruas e praças. Na verdade, no caso de Barcelona, por exemplo, os locais onde se encontravam as pessoas que planejaram os protestos e as manifestações do 15M (esta manifestação que foi organizada em 15 de maio de 2011) já havia uma produção anterior de uma grande quantidade de slogans

Quando começaram a criar estes suportes, estes panfletos, começaram a criar muitos lemas e imagens com a intenção de que fossem difundidas e que as pessoas pudessem remixar livremente. Outro caso semelhante

<sup>8</sup> Lei espanhola antipirataria que tornou possível derrubar sites sem autorização judicial. O regulamento foi alvo de protestos por ativistas e empresas”. Fonte: <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,lei-sinde-entrara-em-vigor-em-marco,10000036459>

<sup>9</sup> Refere-se ao projeto de Lei nº 84/1999 proposto pelo ex-deputado federal Eduardo Azeredo (PSDB – MG), que popularmente ficou conhecido como “Lei Azeredo” (CAMARA DOS DEPUTADOS, 2017). Esse projeto buscava criar regramentos para impedir crimes cibernéticos. Porém, foi chamada por grupos ativistas de “AI-5 digital” (CASTRO, 2013), em referência ao ato que reduziu liberdades durante a ditadura militar brasileira, pois possibilitava “a destruição de dados eletrônicos de terceiros, o acesso e obtenção de informações em sistemas restritos sem autorização e a transferência não autorizada de dados ou informações particulares se tornariam crime, passíveis de prisão e multa” (LADIN, 2012, online).

ocorreu durante a campanha do *Barcelona no Comú*, e em Madri também houve processos muito semelhantes ao que se denomina comunicação de guerrilha. Os cidadãos foram encorajados a criar seus próprios vídeos, seus próprios memes. O vídeo “El Run Run”<sup>10</sup> da atual prefeita de Barcelona, Ada Colau, surgiu da simbiose dos próprios cidadãos durante as eleições de 2015. Havia conteúdos audiovisuais promovidos pela equipe da campanha do *Barcelona Comú*, que vinham de fora, que não eram feitos pela equipe.

Por seis ou sete anos se apostou muito pelo remix. E certamente continuarão a jogar e apostar com a viralidade do ambiente da Internet e também com a memética. Certos memes são promovidos e, claro, outros não são. Ou seja, em cada campanha, cada ator político vai ter certos memes que vai querer difundir e outros que não.

**Fernanda Pires de Sá: Em relação a esta viralidade, pode acontecer que ela vá além das proporções previamente planejadas pelos atores políticos, você acha que existe alguma maneira de tentar controlar essa viralidade?**

**John Postill:** Não pode ser controlado. O máximo que podem fazer é como no caso do 15M que houve um vídeo<sup>11</sup> compartilhado por um dos ativistas que mostravam os bastidores do processo. Este ativista compartilhou um vídeo precisamente dessa fase de preparação dentro de uma sala em um centro de cultura livre onde muitas dessas campanhas foram forçadas. Nesse vídeo é possível ver como vários voluntários estão escrevendo esses slogans e depois os disseminando pela internet através de hashtags no Twitter. A maioria desses slogans rapidamente caem no esquecimento, mas sempre há alguns que permanecem, como o slogan “Real Democracia Ya”, que também era o nome da plataforma. Esse e outros slogans que permaneceram na cultura, já se tornaram parte da cultura como o slogan “*We are the 99%*” (Somos 99%), entre outros. A grande maioria desaparece, mas existem certos textos e imagens que permanecem.

A imagem que lançou o movimento Occupy Wall Street em Nova York foi feita por um grupo de Vancouver (Canadá) chamado *Adbusters*<sup>12</sup>, um grupo dedicado aos meios de comunicação que vinham de uma longa história anti-consumo. Eles criaram a imagem da bailarina enfrentando o touro de *Wall Street*. Esta imagem foi viralizada e memetizada de várias maneiras. Isto era um design, e não era algo que ocorreu por acidente. Portanto, vemos que existe uma combinação de pessoas que vêm de uma forte trajetória artística e comunicativa com a cidadania.

Penso que é extremamente importante essa simbiose entre especialistas no campo da comunicação e da arte comunicativa em protestos e projetos sociais conjuntamente com a possibilidade que os cidadãos tem de contribuir com esses processos de criação artística e cultural.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wB6NDWKDyKg>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpuyh2smr58&feature=youtu.be>

<sup>12</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Occupy\\_Wall\\_Street#/media/File:Wall-Street-1.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street#/media/File:Wall-Street-1.jpg)

**Fernanda Pires de Sá: Como você nos comentou, esses movimentos intrínsecos à tecnopolítica implicam uma enorme geração de dados e conteúdo. Então, estaríamos interessados em saber como todos esses dados se transformam em relatos, em histórias, o que o inglês é conhecido como data storytelling?**

**John Postill:** Este é um campo fascinante. Eu tenho trabalhado este tema em vários contextos. Dou-lhes um exemplo da Indonésia. Como vocês sabem, eu tenho feito trabalho de campo lá. Na Indonésia, houve uma iniciativa muito interessante em 2014, a que me referi brevemente antes: *Kawal Pemilu* (Os guardiões da eleições). Naquele ano foram as eleições presidenciais na qual havia um candidato que não vinha da elite. Era a primeira vez na história da Indonésia que alguém enfrentava um membro da elite. O ex-genro do ditador Suharto, Prabowo Subianto, enfrentava um candidato chamado Joko Widodo, ou “Jokowi”, que vinha de uma classe média mais para baixa. Jokowi teve o apoio do setor da população mais progressista e pró-democracia. Enquanto o outro candidato, Prabowo, era visto como um retorno ao antigo regime mais autoritário de Suharto. Durante as eleições aconteceram muitas campanhas sujas e se temia que, quando chegasse a contagem de votos, pudesse haver corrupção. Temia-se que este processo não fosse transparente. Então, o que foi feito por um pequeno grupo de cinco informáticos indonésios que moravam em diferentes partes do país e em outros países foi organizar-se rapidamente. Em menos de 24 horas, eles criaram uma rede com cerca de 700 voluntários distribuídos em toda a Indonésia e em outros países. Organizaram por redes sociais e através de seus contatos, um sistema de contagem de votos para assegurar que a contagem de votos fosse feita de forma limpa. Esta iniciativa é chamada *Kawal Pemilu*. Isso se traduz como guardiões do voto das eleições.

Um fato interessante em termos de narrativa de dados é que a rede, que tinha cerca de 700 voluntários, temia que eles fossem atacados por *hackers* do outro grupo político. Eles eram realmente simpatizantes de Jokowi, o candidato progressista, ainda que seu trabalho fosse ser observadores das eleições e, dessa forma, tentar ser menos partidários para poder fazer uma contagem de votos justa. Para se defender contra esses possíveis ataques hackers e para explicar à sociedade o que eles faziam eles criaram uma dupla narrativa. Por um lado, eles tiveram sua comunicação privada circulando entre eles, especialmente por *WhatsApp*. Por outro lado, eles tinham sua cara pública, de voluntários que estavam usando suas habilidades para trabalhar com dados e seu amor pela democracia, seu desejo de defender a democracia na Indonésia. Para isso, eles criaram uma narrativa baseada na ideia de voluntariado (*relawan*). Ou seja, aqui não é simplesmente a parte técnica da leitura de dados. Os dados não falam por si mesmos. É necessário buscar maneiras narrativas criativas para explicar quem está fazendo isso e o porquê. Ao mesmo tempo, esse grupo teve que defender e impedir que eles fossem atacados tanto na internet como fisicamente.

Tudo relacionado à construção da narrativa era fascinante. Até a mitologia da Indonésia e a tradição sânscrita do país foram utilizadas de forma divertida, com um bom senso de humor, para se apresentarem como os cinco

famosos heróis dos irmãos Mahabhárata (POSTILL, SAPUTRO, 2017).

Outro exemplo de narração de dados é o teatro de dados que o grupo *Xnet* fez em Barcelona. O *Xnet*<sup>13</sup> foi o grupo responsável pela plataforma *15MpaRato*<sup>14</sup>. Esta campanha foi realizada com *crowdfunding* e *crowdsourcing* para levar o político Rodrigo Rato a julgamento, e também a outros líderes de altos cargos bancários na Espanha. Sempre com o objetivo de demonstrar o quão corrupto é o sistema político e econômico. Esta campanha foi muito bem sucedida porque eles conseguiram levar não apenas Rato, mas muitos outros altos cargos a julgamento. Aí foram envolvidas pessoas de grandes partidos políticos, sindicatos, a Casa del Rey, etc.

Assim como os indonésios, descobriram que não se tratava apenas de trabalhar com dados, que isso não é suficiente. Também é necessário contar a história de como os próprios cidadãos levaram ou lideraram esse processo. No caso da Espanha, eles pensavam que os partidos políticos e os meios de comunicação tentavam se apropriar do processo contra o Rato. Então, o *Xnet* montou um teatro de dados, fez uma peça baseada nos emails filtrados desses altos cargos bancários. Eles citavam os e-mails textualmente para fazer o diálogo.

Simona Levi junto com Sergio Salgado foram os que escreveram a obra<sup>15</sup>. Este é outro caso de colaboração interdisciplinar, de “campling”, típico dos ambientes tecnopolíticos. Como Sergio me disse em uma entrevista: “Ela faz teatro, eu faço dados”. Simona vem de uma tradição teatral, além de ser muito ativa no mundo da cultura livre. Para ela, os dados eram como outro personagem na cena. Os dados eram parte integral de como eles contavam a história do *Bankia*, a história de como foi possível que este banco falisse, com um custo muito alto para o contribuinte espanhol e europeu, sem que ninguém fosse responsabilizado por isso, e como foram os cidadãos que conseguiram fazer justiça.

Os dois exemplos que dei nos mostram que as narrativas de dados são fundamentais para a tradução de questões tecnopolíticas, que às vezes muito técnicas, e poder levá-las a outros públicos.

## Referências

BRÄUCHLER, B.. POSTILL, J. **Theorising Media and Practice**. Oxford and New York: Berghahn, 2010.

**CÂMARA DOS DEPUTADOS**. LEI Nº 12.735, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012 - Dados da Norma - Portal Câmara dos Deputados. 2017.

Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12735-30-novembro-2012-774689-norma-pl.html>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

CASTRO, D. Lei que define crimes cibernéticos é o primeiro passo para a regulamentação da internet. **EBC**. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2013/02/lei-que-define-crimes-ciberneticos-e-o-primeiro-passo-para-a-regulamentacao-da>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://xnet-x.net/>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://15mparato.wordpress.com/>



COLEMAN, G.. **Hacker, Hoaxer, Whistleblower, Spy**: The Many Faces of Anonymous. London: Bloomsbury, 2015.

COLEMAN, G.. From Internet farming to weapons of the geek. **Current Anthropology**, 58(15), 91-102, 2017.

GREENWALD, G.. **No place to hide**: Edward Snowden, the NSA, and the US surveillance state. Macmillan, 2014

LADIN, W. Conheça a Lei Azeredo, o SOPA brasileiro. **TecMundo**. 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/18357-conheca-a-lei-azeredo-o-sopa-brasileiro.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

PINK, S.; HORST, H.; POSTILL, J.; HJORTH, L.; LEWIS, T; TACCHI, J. **Digital Ethnography**: Principles and Practice. London: Sage, 2016.

POSTILL, J.. **Media and nation building**: How the Iban became Malaysian. Oxford: Berghahn, 2006.

POSTILL, J.. **Localizing the internet**: An anthropological account. New York, NY: Berghahn Books, 2011.

POSTILL, J.. Freedom technologists and the new protest movements: a theory of protest formulas. **Convergence**, 20 (3): 402-418, 2014

POSTILL, J. **The Rise of Nerd Politics**: Digital Activism and Political Change. London: Pluto, 2017.

POSTILL, J.; SAPUTRO, K. Digital activism in contemporary Indonesia: victims, volunteers and voices. In: TAPSELL, JURRIENS, E. (eds.). **Digital Indonesia: Connectivity and Convergence**. Singapore: ISEAS, 2017.

SILVA, L. P.. Cultura Política Insurgente na Espanha E No Brasil. In: **Anais da XI Jornadas Latino-americanas de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia**. 2016.

UCHOA, P. O que o movimento 'Occupy' tem a ver com os protestos no Brasil?. **BBC Brasil**. 2013. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130625\\_impacto\\_occupy\\_gm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130625_impacto_occupy_gm)>. Acesso em: 07 nov. 2017.

RECEBIDO EM: 19/12/2017    ACEITO EM: 19/12/2017